

**TRADUTOR DE ONDAS E DE SONHOS: O CONTISTA MIA COUTO
E A FLUIDEZ SIMBÓLICA DA ÁGUA**

Janete dos Santos Ribeiro¹

Saulo Gomes Thimóteo²

RESUMO: A literatura africana tem um espaço muito importante no cenário brasileiro e Mia Couto é um escritor e biólogo moçambicano contador de histórias e “inventador” de palavras. Como um dos escritores africanos de língua portuguesa mais celebrado e conhecido no Brasil, sua literatura está sendo apresentada tanto nas escolas quanto nos meios acadêmicos. Partindo deste pressuposto, este trabalho tem por objetivo identificar e analisar nos contos de Mia Couto a simbologia da água, da morte e dos personagens em suas narrativas, “A menina sem palavra” (*Contos do nascer da Terra*) e “Nas águas do tempo” (*Estórias Abensonhadas*). Para tais análises, foram utilizadas as do filósofo francês Gaston Bachelard (1997) teorias de Chevalier e Gheerbrant (2002). Pretende-se, com as reflexões acerca das obras analisadas, cooperar na produção de sentido das africanidades do autor, na cultura africana e nos simbolismos das águas nas narrativas supracitadas entre outros contos que serviram de exemplos dos diferentes símbolos que a água pode ter.

Palavras Chave: Água, símbolo, Mia Couto, Gaston Bachelard, Contos.

Resumen

La literatura africana tiene un espacio mucho importante en el escenario brasileño y Mia Couto, es uno escritor y biólogo mozambiqueño contador de historias e “inventador” de las palabras. Como uno de los escritores de lengua portuguesa más celebrado y conocido en Brasil, su literatura está siendo presentada tanto en las escuelas cuánto en el ámbito académico. Partiendo de esta hipótesis este trabajo tiene como objetivo identificar y analizar en los cuentos de Mia Couto la simbología del agua, de la muerte y de los personajes en tu narrativa, “ La niña sin palabra” (*Contos do nascer da Terra*) y “ En las aguas del tiempo” (*Estórias Abensonhadas*). Para tales análisis, fueran utilizadas la teorías de Chevalier y Gheerbrant (2002) y del filósofo Gaston Bachelard (1997) entre otros autores. Se pretende, con las reflexiones acerca de las obras analizadas, cooperar en la producción de sentido de las africanidades del autor, en la cultura africana y en los simbolismos de la agua en las narraciones antes citada entre otros cuentos que servirán de ejemplos de los diferentes símbolos que el agua puede tener.

Palabras Clave: Agua, símbolo, Mia Couto, Gaston Bachelard, Cuento

¹ Janete dos Santos Ribeiro acadêmica do curso de Letras Português e Espanhol – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

² Dr. Professor Saulo Gomes Thimóteo Discente do curso Letras Português e Espanhol – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho tem por objetivo analisar a simbologia presente nas obras de Mia Couto, mais precisamente nos contos “A menina sem palavra” e “Nas águas do tempo” do escritor moçambicano, que nasceu em Beira, no ano de 1955. A linguagem de Mia Couto tem um movimento que oscila da escrita à oralidade, dos simbolismos aos neologismos. Essa forma de escrita do autor se encontra enraizada em questões da terra africana e ainda mais de Moçambique. E os simbolismos frequentes em suas narrativas como nos romances, ensaios e nos contos que retratam as questões da fauna, da flora, das lutas e a água estão sempre presentes. Bem como uma forma de apresentar a cultura, a tradição a ligação com o elemento autóctone através da literatura, especialmente pela importância simbólica que possuem.

Mia Couto é um biólogo e escritor. Por exercer as duas profissões, ele percorre Moçambique como diretor de uma empresa de consultoria ambiental, e escuta uma infinidade de histórias das pessoas que ali vivem. Como biólogo atuante, tem a proximidade com a natureza, com os animais, as árvores, os rios, e, por conta disso, se torna “tradutor” desses seres, trazendo-lhes as suas linguagens para a humanidade. Mia Couto, em uma entrevista, ressalta “Ao fazer biologia, ganhei proximidade com criaturas que me contam histórias. Às vezes, são bichos. Outras, rios e árvores. Sei que não estou romantizando. A biologia me serve de tradutora dessas criaturas e me ensina que existem linguagens não humanas que me humanizam”³.Torna-se, por certo, um tradutor da natureza e um poeta biólogo, e esta fusão entre biólogo e escritor transmuda-o num conhecedor de seu país, visitando lugares onde se torna um interlocutor, ouvindo casos e histórias. Eis o ponto da influência da oralidade em sua escrita: o cotidiano revelado, tanto no diálogo entre as pessoas e a sua cultura quanto pela evocação contínua da natureza. As literaturas africanas de língua portuguesa têm fortes influências de autores brasileiros. Segundo Mia Couto, Jorge Amado tem grande prestígio na literatura de Angola, Cabo Verde e Moçambique. Já a produção literária de Mia Couto foi marcada pelos poetas Manoel de Barros, Adélia de Prado e, com maior destaque, João Guimarães Rosa. E as influências na escrita mia-coutiana se mescla a partir de modelos: a escrita erudita e tradição oral, juntamente com uma nova forma linguística de escrever do escritor mineiro nas narrativas de Mia Couto.

Com relação à água, pode-se apontar que ela é um símbolo-mor que segue a história dos homens desde suas origens. Do mesmo modo, a água pode ser tomada

³ Disponível em: < <http://www.livrosepessoas.com/2014/04/24/mia-couto-cientista-de-dia-e-escritor-a-noite/> > Data de acesso: 05/06/2018

como a fonte de vida em rios, lagos, mares, oceanos e chuva. As águas trazem consigo a química das nossas emoções no mundo são as lutas internas de cada pessoa, são águas curativas que podem ser de alegria ou de tristeza. Para Chevalier e Gheerbrant, no *Dicionário de símbolos*, “a água é a fórmula substancial da manifestação, a origem da vida e o elemento da regeneração espiritual e corporal, o símbolo da fertilidade, da pureza, da sabedoria, da graça e da virtude.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002 p. 15). Do mesmo modo, a água é associada ao nascimento na tradição cristã, além de um renascimento, como a conquista de uma segunda chance, uma segunda vida. Mistura de sentimentos do povo que fez a travessia do Mar Vermelho, no Êxodo. Assim também a água da chuva, que hidrata e encharca a terra, pode ser vista como uma água límpida e sem impurezas. Para os autores, a água da chuva é símbolo das influências celestes recebidas pela terra, ela é o agente que confere vida ao solo. Aquilo que desce do céu para a terra é também a fertilidade do espírito, a luz, as influências espirituais. (cf. idem, p. 235). É possível dizer que a água exerce um papel primordial, fonte de vida de morte, destruição e criação tanto do mundo quanto dos homens.

Igualmente, a água é reconhecida como símbolo de travessia, desde Ulisses até Vasco da Gama e Cristóvão Colombo. Além disso, é perceptiva como mudanças dos estados que se permite ser água não importando em que estado se encontra. Além disso, existem as águas da Mitologias, como elemento mítico em Yemanjá, Poseidon, Netuno, e mesmo na tradição judaico-cristã, com as figuras de Noé, Moisés e Cristo, no caso deste último tanto no batismo, quanto caminhando sobre as águas, por exemplo. Assim, a água é elemento primordial e desempenha fortes relações entre o homem e a natureza, conferindo vida e transformação a ambos.

Na obra mia-coutiana a água é símbolo da passagem do tempo, das lutas e guerras de Moçambique, de renascimento, de passagem da vida para a morte e de passagem da vida para uma nova vida. Muitos contos de Mia Couto trazem em sua essência a tradição africana, apresentando a fluidez do autor para apresentar a sua terra e os seus costumes.

A água pode desempenhar papéis diferenciados na obra mia-coutiana. Para além dos símbolos mencionados de elemento de passagem da vida, pode-se sintetizar como dois modos de transformação: como agente, que atua na transformação do personagem; e como veículo que orienta e guia, tornando-se o caminho para a transformação, como um elemento de suporte para a travessia pelas águas.

No primeiro caso, sendo o agente de transformação do personagem, a água atua exerce uma função, é símbolo de nova vida de ressurgimento. Existe uma atuação da água, por exemplo, nos contos “Chuva: a abensonhada”, esta água que vem para lavar a terra das lutas e guerras de Moçambique; ou então na viagem ilusória do homem que pega um barco e vai ao céu em busca de água em “O peixe para Eulália”; ou ainda no canto da mãe para chamar o espírito de seu marido que, já falecido, perpetua a crença de renascimento da cultura africana, inundando a casa através da voz doce da mãe, em “Inundação”.

O segundo caso, da água como veículo de transformação e elemento de travessia, esta água não atua, mas sim conduz, guia e encaminha para a transformação. Algo possível de se observar nos contos “O rio das Quatro Luzes”, no qual o avô ensina o neto a ser criança, depois que o menino tem o desejo de morrer para ser carregado num caixão enquanto a água representa a morte através da curva do rio. Em conformidade temos “A casa marinha”, através do barco encharcado pelas águas do mar um velho não deseja retornar a terra firme, quer ser converter em madeira salgada. A água para ele é veículo de transformação nessa viagem jamais terminada.

Em “A última chuva do prisioneiro”, temos os dois elementos presentes, podendo a água ser tanto o agente (a chuva que o transporta para sua infância), quanto o veículo (o elemento onírico, objeto de desejo e de saudades de sua mãe). Para além da massa de água da chuva desejada, existe o sonhador que almeja através das lembranças o desejo de renovação e purificação através das águas e dos sonhos. Também pode ser encontrada em “O pescador cego”, cujo personagem, após passar muitos dias com fome e frio naufragando no mar, usa seus olhos como isca para pescar e se alimentar e, quando retorna à aldeia, não aceita os alimentos trazidos pela esposa e passa a morar no barco. Todas as manhãs vai em busca dos olhos nas espumas das águas do mesmo mar. A água é um veículo de transformação e de regeneração do pescador. Pode-se perceber que atua na duplicidade dos simbolismos das águas tanto de agente, pois atua, e como de veículo que o conduz para transformação.

No conto “A menina sem palavra”, a água é representada como águas de metamorfose, de morte, mas de morte para uma nova vida. Pois, quando conhece o mar e sua infinidade de águas, a menina renasce dessas águas, ela revive dessa morte simbólica. Já no conto “Nas águas do tempo”, percebe-se a presença da água como transição entre a vida e a morte. Uma morte retratada como passagem em viagem calma, numa aventura silenciosa. Uma vez que, nas navegações que os personagens realizam

no decorrer do conto, a morte é singela e apresentada como algo natural, como esta travessia que todos teremos que percorrer. Nos contos citados, pode-se perceber o duplo símbolo que a água mia-coutina pode apresentar, sendo a água como agente de transformação e a água como veículo para a transformação.

Também se pode observar que, em “A menina sem palavra”, a primeira água que aparece é da gota de lágrima do pai que é beijada pela menina, pode-se perceber que atua como um veículo da transformação, pois é depois de saborear o gosto salgado da lágrima que a menina pronuncia a palavra mar. Ambas as águas (da lágrima e do mar) são compostas de sais, evocando o elemento salgado, esta correlação entre tais elementos é condutor da palavra proferida pela menina. A água como agente de transformação se encontra quando a menina entra no mar e renasce das águas para uma nova vida cheia de palavras. Já no conto “Nas águas do tempo”, a água como agente atua no neto que, após ser puxado para o abismo das águas e ter a ajuda dos espíritos que ali viviam, ressurge para uma nova vida de descobertas e ensinamentos. Em contrapartida, a água como veículo de transformação se encontra no avô, pois é essa água que o conduz para a viagem dos mortos e o transporta para além das águas vivas.

Em uma análise mais detalhada dos contos “A menina sem palavra” e “Nas águas do tempo”, associada ao pensamento bachelardiano, e permitindo-se um aprofundamento do simbolismo das águas e outros elementos simbólicos que as compõem, duas serão as figuras apresentadas: Juventa e Caronte. A primeira sendo as águas de esperança de cura, atribuem-se virtudes e projeta-se o desejo de curar-se pelas águas do Complexo da Fonte de Juventa. E a segunda a barca dos mortos a viagem pelas águas, a imagem do barqueiro de guia que conduz à morte; o Complexo Caronte.

“A menina sem palavra”: a água onírica e a margem do sonho

O livro *Contos do nascer da terra* foi publicado primeiramente em jornais e revistas em 1996, e depois adaptado em livro em 2014. Das 35 histórias que compõem o livro, o conto “A menina sem palavra” tem como subtítulo “segunda história para Rita” – sendo o conto “A luavezinha”⁴ o primeiro conto para a filha mais nova do escritor. Os contos dedicados à Rita são histórias apresentadas como uma forma de presente.

⁴ Este conto se encontra no livro *Contos do nascer da terra* é a primeira história dedicada a sua filha Rita, pois a menina tinha dificuldades para adormecer e o escritor era chamado para lhe contar uma estória para embalar o sono e os sonhos da filha.

Percebe-se que a linguagem desses contos, “A menina sem palavra” e “A luavezinha” são mais fluidas, são histórias onde a personagem infantil tem um traço mais singelo. São histórias para um público aparentemente mais jovem por isso a forma de compor a narrativa volta-se mais para a fantasia. Visto que são íntimas e existenciais das narrativas mia-coutianas as questões das lutas e das guerras de Moçambique. Nesse conto, a personagem infantil é apresentada simplesmente como “menina”, o autor não lhe confere nome próprio. É uma personagem dócil que encanta pela voz bela e pela entonação dos sons. Aliás, nenhum personagem é apresentado com nomes próprios, sendo que no conto dois são os principais, a menina e o pai. Este conto é escrito em terceira pessoa, narrador heterodiegético, com o narrador mesclando-se à voz ao pai para que possa contar uma história a sua filha. Pode se perceber neste conto a presença da água como agente e como veículo de transformação, sendo conferido lugar em diferentes situações para cada símbolo que a água mia-coutiana confere sentido.

O escritor mostra uma personagem infantil que está em processo de desenvolvimento do pensamento e do raciocínio lógico e a palavra assume um peso neste processo de aquisição da linguagem da personagem. Para Gheerbrant e Chevalier “a palavra é o símbolo mais puro da manifestação do ser, do ser que se pensa e que se exprime ele próprio ou do ser que é conhecido e comunicado por outro”. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2002, p. 680). E logo no início do conto, o narrador apresenta a dificuldade da menina, em relação à palavra “quando lembrava as palavras esquecia o pensamento. Quando construía o raciocínio perdia o idioma. Não é que fosse muda. Falava em língua que nem há nesta actual humanidade.” (COUTO, 2013, p. 33). Não existe a relação entre pensamento e palavra, pois o processo no qual a personagem menina se encontra ainda está se desenvolvendo. A palavra aparece, ou o ato de falar, como uma necessidade de comunicação da menina com os pais e com a comunidade.

Compreende-se, assim, que a menina se encontra em plena metamorfose do mundo, convertida em sonhos e palavras. É uma evocação da mudança que ocorre com a menina, que antes pertence a um lugar único e seu, e deve dirigir-se (travessia) a um lugar coletivo, no mundo repleto de palavras. Era necessária a transformação para se encontrar e é através da palavra com as águas do mar que acontece o reencontro. Reencontro este, da história contada pelo pai e do fim que a menina destina à narrativa, tornando-se uma mediadora de palavras nunca antes proferidas por ela, que assume, por fim, um papel de finalizadora da história iniciada e perdida pelo pai.

Neste dialeto único da menina, sua linguagem não era interpretada e ela, enquanto ser discursivo, apresenta a fala para designar-se humana. Pois é pela palavra que se humaniza o ser. A linguagem é a interação entre os seres de uma mesma espécie, por isso, tanto a palavra sem pensamento quanto o pensamento sem palavra tornam-se elementos estáticos, pois nenhum produz um sentido pleno. Assim não se torna um ser social e nem cultural na sociedade que se está inserido. A menina se expressa pelo canto, do qual não se compreendia nada, mas a entonação de sua fala prendia a quem a escutasse. No conto, o autor descreve a língua falada pela menina:

Era uma língua só dela, um dialecto pessoal e intransmizível? Por muito que se aplicassem, os pais não conseguiam percepção da menina. Quando lembrava as palavras ela esquecia o pensamento. Quando construía o raciocínio perdia o idioma. Não é que fosse muda. Falava em língua que nem há nesta actual humanidade. Havia quem pensasse que ela cantasse. (COUTO, 2013, p. 33)

Através da palavra se produz o pensamento, a linguagem é elemento único dos seres humanos, por isso a grande angústia do pai em relação à fala da menina ou ao não entendimento deste dialeto. A menina é uma sonhadora que vive em seu mundo ímpar e, para Bachelard, “o sonhador isolado guarda em particular valores oníricos ligados à linguagem, guarda a poesia própria da linguagem de sua raça. As palavras que ele aplica às coisas poetizam as coisas, valorizam-nas espiritualmente num sentido que não pode fugir completamente das tradições.” (BACHELARD, 1997. p. 140). Este mundo exclusivo dela, da menina, a deixa à margem da sociedade que se encontra estabelecida, pois não consegue se desvincular deste mundo sonhador em que vive. Sendo a fala objeto de comunicação e interação dos seres humanos, a menina não consegue se comunicar, torna-se impossível o diálogo por uma mesma linguagem compreensível entre a menina, família e a comunidade.

As aflições do pai com a menina se mostram evidentes quando, em uma noite, apertando as mãos da filha, implora. “- Fala comigo filha!” (p.33). A menina beija a lágrima do pai que, para Gheerbrant e Chevalier, é símbolo da “dor e da intercessão, é água que morre evaporando-se, após ter dado testemunho”. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2002, p. 533). Neste simbolismo da água, a lágrima atua como um veículo de transformação pode-se perceber que através do gesto tanto do pai ao chorar quanto da menina ao beijar-lhe o pranto contribui para o início da transformação pelas águas. Após a menina pronunciar uma palavra conhecida, existente no mundo real,

“mar”, o pai em entusiasmo leva a menina para conhecer as águas do mar. Estas águas oníricas que, para o pai, tornar-se-ão para a filha a descoberta de si e das palavras. O pai tem total convicção que através das águas do mar a menina vai se descobrir, pois se nunca havia proferido nenhuma palavra, e “mar” fora a primeira, então através de suas águas surgiria um mar de palavras para a menina conhecer. O sonho de purificação através das águas é um sonhar de renovação, já que a única palavra compreendida até então o pai em desespero leva-a a conhecer as águas curativas. Essas podem ser simbolizadas no complexo da Fonte de Juventa que, para Bachelard.

(...) liga-se naturalmente à esperança de cura. A cura pela água, em seu princípio imaginário pode ser considerada do duplo ponto de vista da imaginação material e da imaginação dinâmica. Atribui-se à imaginação material as virtudes que são antitéticas dos males do doente. O homem projeta o seu desejo de cura e sonha com a substância compassiva. A imaginação dinâmica é mais geral é mais simples, sendo que a primeira lição da água é elementar: o ser vai pedir à fonte uma primeira prova de cura por um despertar da energia. (BACHELERD, 1997, p. 153)

Os devaneios das águas do complexo da Fonte de Juventa estão presentes nos sonhos e no mito de nascimento, é a água que com seus poderes curativos faz renascer, faz viver para além da morte. Para o filósofo francês, “água primitivamente clara é uma água que deve escurecer, uma água que vai absorver o negro sofrimento” (idem, p. 49). Este sofrimento de não palvrear é absorvido pelas águas fantasiosas do mar, que, na imaginação da menina, banham o sofrimento, tanto dela quanto do pai, pois este leva, em fantasia, a menina conhecer as águas. Este sofrimento da menina, de não conseguir se comunicar através das palavras, é absorvido pelas águas curativas da fonte de Juventa, que faz renascer da morte para além dela, tornando-se seu dialeto compreensível. E para salvar a menina, o pai inventa uma história utópica:

Foi quando lhe ocorreu: sua filha só podia ser salva por uma história! E logo ali lhe inventou uma assim: Era uma vez uma menina que pediu ao pai que fosse apanhar a lua para ela. O pai meteu-se num barco em busca em bicos de sonhos para alcançar as alturas. Segurou o astro com as duas mãos, com mil cuidados. Quando ele puxou a lua se cintilhou em mil estrelinhações. Abrindo uma fenda funda dos lábios dessa cicatriz se derramava sangue. (COUTO, 2013, p. 34-35)

Nas águas imaginativas contadas pelo pai, a menina ganha vida, uma nova vida, uma nova pronúncia, um novo falar, a menina e o pai sofrem uma metamorfose de sentimentos. Esta simbologia da morte se torna um mergulhar nas águas para reviver-se

e recarregar-se. É um retorno às origens, carregar-se de novo, num reservatório inesgotável de energia e nele beber uma força nova. Este banho de pureza e iniciação traz força e uma nova vida tanto no plano espiritual quanto no corporal. A menina se encontrava num abismo, precisou ir até o fundo para se entorpecer e renascer num novo plano real para se tornar humanizada através da palavra criadora.

Ademais, “Em poesia dinâmica, as coisas não são o que são, são o que se tornam. (BACHELARD, 1997, p.53). Cabe traçar um paralelo entre poesia, sonhos e as fantasias das águas, águas vivas do conto, pois o mar é objeto fantasioso que se encontra no plano irreal, se manifesta na fantasia da história contada pelo pai. As águas e a história se tornam para a menina agente de transformação e de reconhecimento, tanto de si quanto do mundo. Fantasia esta que não ganha materialidade de águas reais, mas sim águas de devaneios, que ganham medida a ponto de silenciar até o contista, o pai da menina. Que pela cultura africana pode ser considerado um griot⁵ sábio, um prosador dentro da história.

Deste modo, “as coisas tornam-se imagens, o que se torna em nosso devaneio, em nossas intermináveis fantasias. Contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se, é morrer”. (idem, ibidem). A menina estava com as palavras “mortas” dentro de si, se descobre e renasce pela passagem da água, pelo desafio do mar e da história. Com efeito, “o devaneio começa por vezes diante da água límpida, toda em reflexos imensos, fazendo ouvir uma música cristalina” (idem, ibidem). Os devaneios da menina, ao ouvir os murmúrios do mar, manifestam-se estranhos reencontros. Encontros com as águas e com a palavra. São, portanto, reencontros das águas e da menina.

Nesse sentido, “a poesia e o devaneio poderão assim servir-nos de tipos para caracterizar um elemento importante dessa *Química poética* que acredita poder estudar as imagens fixando para cada uma delas seu peso de devaneio interno, sua matéria íntima.” (idem, p. 48). A química dos poetas vive em constantes devaneios onde mesclam a realidade com o ficcional. *A priori* os poetas tendem muito a devaneios, sejam reais ou puramente ficcionais ou ainda uma hibridização entre ambos. Pois é nesta química, é através desse processo poético de construção de imagens e significados que se produz sentido a matéria ficcional dos devaneios internos dos autores, para que

⁵ Os dielis ou griots, mensageiros das narrativas tradicionalistas africanas, emprestam especial embelezamento à narrativa oral pelo manejo apropriadamente afiado da palavra recolhida e espalhada. Disponível em: < https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/17306/1/TESE_SANTOS_LUCIENE.pdf >
Data de acesso: 10/06/2018

se possa chegar a um elemento ou uma matéria no processo de construção de significante e significado da palavra.

Neste conto, pode-se notar que a água é “um elemento material que recebe a morte em sua intimidade, como uma essência, como uma vida abafada, como uma lembrança tão total que pode viver inconsciente, sem jamais passar a força dos sonhos”. (BACHELARD, 1997, p. 49). A vida abafada da menina era o seu dialeto, a água vem com um sopro de vitalidade e esperança e é pela história e pela palavra que tudo se mescla. Ao final, este paralelo se unifica, misturando-se tanto o pensamento quanto a palavra, por meio da narrativa e da imaginação: “Viu pai? Eu acabei sua história”. (COUTO, 2013, p. 36)

Mia Couto cria uma narrativa em torno de uma personagem infantil, uma *mise en abîme*⁶ (uma narrativa dentro de outra narrativa): como modo de salvar a filha, o pai inventa uma estória que está inserida em outra história. Uma narrativa inventada dentro do conto. E ao encerrar a estória do pai a menina sem palavra ganha voz através da escrita mia-coutiana.

Nas águas do tempo: na margem de nenhum caminho

O livro *Estórias Abensonhadas* foi escrito e publicado no período pós-guerra, em 1994, publicado no Brasil pela Companhia das Letras, no ano de 2012. São 26 contos que compõem este livro, sendo que o primeiro é “Nas águas do tempo”. Escrito em primeira pessoa, narra-se uma lembrança de um menino que descreve os acontecimentos da história e participa dela, tornando-se, assim, um narrador autodiegético. É inegável, porém, perceber o movimento do personagem infantil que se encontra, como um ser de transformação tanto física quanto moral..

Em “Nas águas do tempo”, a figura do personagem infantil é representada pelo neto, levado a navegar juntamente com seu avô para as margens do outro lado do rio. A princípio o menino não entendia em que consistem tais aventuras. Quando o sol se punha, ambos, avô e neto, navegavam no pequeno barco até as margens para acenar para os panos brancos. Os panos brancos eram vistos apenas pelo avô, se tratavam de seres que não habitavam o mundo dos vivos. Na margem do rio o avô se encontrava nesse entre-lugar,(mundo dos vivos e mundo dos mortos), pois a navegação parava nos pântanos. E para Chevalier e Gheerbrant, “o pântano se manifesta e se transforma em

⁶ Termo francês que designa “narrativa em abismo”

locais de centros espirituais, de fase de iniciação ou de inconsciente, local das germinações invisíveis.” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2002, p. 681). O pântano se torna para o avô e o neto esse lugar espiritual. Uma fase de iniciação para o menino que vai reconhecer os panos na outra margem e o elemento do inconsciente, pois o menino não vê os seres que ali residem, são seres ou panos invisíveis para o neto. É o ponto contundente da água como agente transformador no menino, é somente após a morte do avô que essa metamorfose será completa.

A água é símbolo dos ritos de passagem da vida para a morte, sendo que o salto que o avô faz do barco para a outra margem é a simbologia de sua morte. O salto representa a linha tênue entre o mundo dos vivos e dos mortos. Segundo Chevalier e Gheerbrant:

Todas as iniciações atravessam uma fase de morte, antes de abrir o acesso a uma vida nova. Tem um valor psicológico: liberta das forças negativas e regressivas, ela desmaterializa e libera as forças de ascensão do espírito, tem o poder de regenerar. Todo ser humano tem, em todos os seus níveis de existência, coexistem a morte e a vida, isto é uma tensão entre duas forças contrárias. A morte em um nível é talvez a condição de uma vida superior em outro nível. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2002,p. 621-622).

O menino não entendia o ideal da navegação, pois as redes ficavam no assento do barco, então peixe não era o que perseguia o avô. Ao neto cabia aprender as tradições que lhe ensinava o avô, para que também pudesse um dia ver o acenar dos panos da outra margem do rio. A morte concebida numa partida pelas águas nos desperta um sonho de uma viagem e de uma passagem contínua. E a morte só é percebida pelo neto quando esta passagem está completa, e para ele tudo passa a fazer sentido, a morte é uma viagem e partir é morrer um pouco.

Conforme também apontado no conto anterior, “A menina sem palavra”, aqui há a presença da simbologia das águas mia-coutianas como agente e veículo de transformação. Sendo que, primeiramente, o agente de transformação atua no personagem do neto, pois o menino, ao tentar encontrar o fundo lodoso do lago, cai do pequeno barco que transportava os dois, mergulhando assim em um abismo de águas. As águas têm papel de agente de transformação, atuando nas convicções do menino sobre os ensinamentos do avô.

A água como veículo da transformação, por sua vez, está presente no personagem do avô. Ela é um condutor que o desloca pelo rio até o grande lago nas margens do pântano da outra margem. A água é esse guia de transformação de vida para

morte, essa morte somente fica completa ao transpor as barreiras do tempo entre mundo dos vivos e dos mortos. A água e o barco são os veículos que os conduzem para as águas de transformação. De uma nova vida após a morte pelas águas ou através dela.

A morte ou a compreensão da morte presente no imaginário africano pode ser vista como uma travessia, um ideal de viagem final ou uma viagem de reintegração à natureza. Podemos perceber a cultura e os costumes africanos no conto “Nas águas do tempo”, onde fica mais evidenciada esta crença de viagem consecutiva, um rito de passagem. De pleonasma, que perpassa a tradição, tal como o avô, que podia ver o acenar dos panos brancos e o neto que ainda estava passando por esse ritual, conhecendo suas tradições.

A literatura mia-coutiana, especificamente no conto em questão, apresenta a sabedoria ancestral, em que os mais velhos seriam como uma ponte entre os vivos e os mortos. Os ensinamentos eram transmitidos aos mais jovens pelos mais velhos, como os ensinamentos do avô ao neto. “- Sempre em favor da água, nunca esqueça!” (COUTO, 2012, p. 10). Era uma advertência ao neto para que tirasse a água no sentido da corrente para não contrariar os espíritos que ali viviam. Acreditava-se que as águas eram habitadas por criaturas ou por seus espíritos e ali se perdia a fronteira entre água e terra. Os ensinamentos do avô mesclam o real e o imaginário, o rio, o lago e o pântano são elementos reais, e o imaginário fica sendo o lugar destes devaneios, dos sonhos e da presença dos espíritos e a palavra o fio que liga os dois planos. O lago pode ser designado para o simbolismo como:

o olho da Terra por onde os habitantes do mundo subterrâneo podem ver os homens, os animais e a plantas e o pântano seria esse olho que chorou demais. É habitat tanto de joias quanto de fadas, feiticeiras, ninfas e sereias, mas que atraem igualmente os humanos para a morte, fica sendo um paraíso ilusório e perigoso (CHEVALIER E GHEERBRANT, 2002, p. 533).

É nesse lugar repleto de fantasias e devaneios que os personagens são levados pelas águas até o grande lago, e é nessas águas que o neto procura o fundo lodoso, porém nada encontra e, na agitação de se manter no barco, ele vira e os dois caem no rio. O avô entendeu que as forças que puxavam o menino eram dos seres que ali vivem, então “retira seu pano do barco e começou a agitá-lo sobre a cabeça. - Cumprimenta também, você! (COUTO, 2012, p. 12). Depois os dois deixaram de ser puxados e retornaram para seu barco. As águas são habitadas por seres e espíritos, e confrontá-los

em busca de lodo do rio foi uma afronta a esses seres, sendo puxados para a morte. O avô adverte que não conte a ninguém o que aconteceu com eles ao cair do barco.

E segue com novos ensinamentos ao neto, [...] “nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. “O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam.” (idem, p.13). O avô se refere às pessoas que não perpetuam essa conexão com o interior e com as tradições africanas, essas tradições devem ser ininterruptas e é de fundamental importância que o neto conheça e transmita para seus filhos. A missão do avô somente estará completa quando o neto conseguir ver os seres da outra dimensão para além da margem e do pântano. Nesta viagem onde todos se reencontram, cabia ao avô apresentar tais heranças ao neto, para que o menino pudesse ver os panos brancos que saudavam os vivos do outro lado do lago.

O conto apresenta as forças da natureza, dos espíritos que coabitam o rio, que podem ter diferentes faces, onde a água mítica é o habitat de seres de águas doces. “O rio, malgrado seus mil rostos, recebe num destino único; sua fonte tem a responsabilidade e mérito de todo o curso. [...] o sonhador que vê passar a água evoca a origem legendaria do rio, sua fonte longínqua.” (BACHELARD, 1997. p.158). Deve-se ter o respeito pelas águas e não contrariar seus habitantes, “existe a necessidade de tocar, de sentir e degustar as águas e tudo pode ser feito desde que se permita o toque a favor da água. Se dermos o justo lugar à água doce, na imaginação material, compreenderemos a verdadeira água mítica que a compõem”. (cf. idem, ibidem).

Na análise em torno da simbologia da água no conto “A menina sem palavra”, utilizou-se do Complexo da Fonte de Juventa, que tem por simbolismo as águas vivas, nessa fonte que se banha e se sai renovado, curado e vivo. Já no conto “Nas margens do tempo”, pode-se aplicar para representar suas simbologias o Complexo de Caronte, com a imagem do barqueiro dos mortos, guardião de seus mistérios e as águas de renascimento da vida e da morte.

As águas do Complexo de Caronte, para Bachelard, são a viagem da vida e da morte:

A morte é uma viagem e a viagem é uma morte. “Partir é morrer um pouco”. Morrer é verdadeiramente partir e só se parte bem, corajosamente, nitidamente, quando se segue o fluir da água, a corrente do largo rio. Todos os rios desembocam no Rio dos mortos. Apenas essa morte é fabulosa. Apenas essa partida é uma aventura. (BACHELARD, 1997, p. 77)

É nesta aventura que o neto é convidado a percorrer todos os dias ao entardecer, para que ele conheça bem esta viagem. Para alguns sonhadores, é pela água que se rouba a partida material da terra e se torna esta viagem jamais feita, jamais terminada. Que é feita pela pequena barca do avô. Para Chevalier e Gheerbrant, a barca é o símbolo da viagem, de uma travessia, seja pelos vivos, seja pelos mortos. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2002, p.121).

O narrador-personagem apresenta o espaço físico (real) “depois viajávamos até o grande lago onde nosso pequeno rio desaguava” e apresenta o elemento mítico “aquele era o lugar das interditas criaturas”, das criaturas que vivem nas águas ou na terra tal como “namwetxo moha” um fantasma disforme que aparecia à noite, feito só de metades: um olho, uma perna, um braço (cf. COUTO, 2012, p.11). Esses espaços tanto físicos como míticos são os pontos de travessia como elemento de veículo de transformação. O namwetxo moha é o simbolismo da incompletude que somente pela transformação se pode difundir e se integrar completamente.

O lago escondia mistérios, as águas são o condutor da travessia, entre os vivos e os mortos, unidos numa fronteira mágica, contínua e misteriosa. Para Chevalier e Gheerbrant, a água pode ser encarada em dois planos rigorosamente opostos, embora de nenhum modo irredutíveis, e essa ambivalência se situa em todos os níveis: “A água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora”. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2002, p.16). Estas duas fontes identificam-se neste conto (como também perceptível em “A menina sem palavra”), pois o lago é vida e morte. A narrativa retrata a morte do avô de uma forma simbólica, iniciando o neto nos saberes dos ancestrais. É a morte do avô, é a vida e também essa oscilação entre ambas. A presença viva do avô é tão importante quanto a morte simbólica nas águas do grande rio. E a trajetória de vida é importante para que o neto possa reviver as lembranças e a presença do avô, recordando e transmitindo suas palavras: “a água e o tempo são irmãos gêmeos, nascidos do mesmo ventre” (COUTO, 2012, p. 14). Esse rio e também as palavras do avô nunca haveriam de morrer para o neto, que já na fase adulta leva seu filho para avistar os seres e os panos brancos da beira do lago.

A morte do avô é retratada no trecho em que o neto vê o atravessar de uma garça branca que é encontrada também no conto “O cego Estrelinho”⁷, cuja figura aparece

⁷ Conto que faz parte do livro *Estórias Abensonhadas*, que narra a vida de um cego que é guiado pelas mãos de Gigito, que inventa um mundo diferente para o garoto, mundo sem guerras.

como um presságio da morte no firmamento dos céus e, em consequência, o pano branco:

Fiquei ali, com muito espanto, tremendo de um frio arrepiado. Me recordo de ver uma garça de enorme brancura atravessar o céu. Parecia uma seta trespassando os flancos da tarde, fazendo sangrar todo firmamento. Então que deparei na margem, do outro lado do mundo, o pano branco. Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano. Enquanto ainda me duvidava foi surgindo, mesmo ao lado da aparição, o aceno do pano vermelho do meu avô. Fiquei indeciso, barafundado. Então, lentamente, tirei a camisa e agitei-a nos ares. E vi: o vermelho do pano dele se branqueando, em desmaio de cor. (COUTO, 2012. p. 14).

As cores estão repletas de simbolismos e esse desbotar de cores da palidez dos panos é um elemento de indecisão e de crença em sua fé, são os dois polos extremos, é o momento em que o neto reflete e toma decisões, levando em consideração as palavras e ensinamentos do avô. O ápice da história é a visão do balançar dos panos pelo neto. Para Chevalier e Gheerbrant, as cores são repletas de interpretação, “a cor vermelha significa princípio de vida com sua força, seu poder e seu brilho”. (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2002, p.944). Já o “branco coloca-se às vezes no início e outras vezes no término da vida, o momento da morte é também um momento transitório situado no ponto de junção do visível e o invisível e, portanto, é outro início.” (idem, p.141). São cores de passagem, através das quais se operam as mutações do ser, segundo o esquema clássico de toda iniciação: a morte é renascimento. Os panos, vermelho e branco, expõem a passagem da vida para a morte, do renascimento contínuo dimensional da vida, assim que o pano vermelho do avô se embranquece diante do neto. O avô quer transmitir seus conhecimentos para que se mantenham vivos na imaginação tanto ele, quanto a própria tradição africana, pois para Bachelard “um morto, para o inconsciente é um ausente, só o navegador da morte é um morto com o qual se pode sonhar indefinidamente”. (BACHELARD, 1997, p. 77) E o avô quer permitir-se sonhador e sonhado constantemente na vida do neto.

Percebe-se a presença da água como transição entre a vida e a morte. A morte para além das águas, pois a morte é retratada quando o avô atravessa o pântano na direção da outra margem do rio, sendo uma viagem calma, uma aventura silenciosa. Já que, nas navegações que os personagens realizam no decorrer do conto, a morte é singela e apresentada como algo natural, como esta travessia que todos teremos que percorrer. E sendo esta a última viagem, as águas simbolizam a morte como verdadeira partida. É nesse sentido que, para C.G Jung:

A morte nas águas será para esse devaneio a mais maternal das mortes. O desejo do homem é que as sombrias águas da morte se transformem nas águas da vida, que a morte e seu frio abraço sejam o regaço materno, exatamente como o mar, embora tragando o sol, torna a pari-lo em suas profundidades. Nunca a Vida conseguiu acreditar na Morte (JUNG, *apud* BACHELARD, 1997, p.75).

O neto precisa acreditar e conhecer os devaneios entre vida e morte para que de fato perceba e reconheça a morte como uma continuidade da vida e não um término. Deste modo, “o adeus à beira-mar é simultaneamente o mais dilacerante e o mais literário dos adeuses” (BACHELARD, 1997, p.77). Este adeus é conferido ao neto, a quem o avô em infinito sacudir de mãos o deixa na margem de outro caminho, onde não é possível se navegar em vida.

Considerações finais

Em síntese, objetivou-se analisar as simbologias presentes nos contos e, mais especialmente, a água como símbolo de agente e de veículo de transformação. Mia Couto tece suas narrativas envoltas em uma prosa poética singular, apresentando uma menina que não palavreia e que, através da lágrima e da palavra “mar”, renasce e desperta para uma nova vida. E um menino que viaja com seu avô pelas águas calmas do rio, para descobertas e ensinamentos da cultura africana e é através da queda nas águas do lago e da travessia de passagem de vida do avô, que as lembranças e novas experiências são transmitidas ao neto.

Ambos os personagens protagonistas são infantis, a menina e o neto, que se encontra em processo de desenvolvimento físico e psicológico humano. No conto “A menina sem palavra”, o processo de mudança da menina provém de capacidades da imaginação de criação: pela história contada pelo pai; pelo protagonismo no término da mesma história pela menina. No conto “Nas margens do tempo”, as mudanças são apresentadas no imaginário, onírico e da tradição africana: com o elemento fantasma disforme que surge a noite, os panos brancos da outra margem e os seres que habitam as águas. É por meio das descobertas que acontecem as mudanças no neto: conhece e sacraliza a cultura africana pelas advertências proferidas pelo avô e descobre a morte como um rito de passagem e uma viagem interminável. a passagem da fase infantil para a adulta, de conhecimentos, enfrentamento dos medos e descobertas.

A água é elemento atuante nos dois contos e guia condutor em ambos, mas atua e guia de formas distintas e em personagens diferentes. Ambos os personagens têm o fortalecimento emocional, de descoberta da palavra pela menina e a morte do avô pelo neto. Atua na personagem infantil da menina e da figura do neto, mas é distinta a forma de atuar. Os dois são banhados pelas águas: a menina pelo mar, o neto pelo rio. São águas imaginativas para a primeira e águas sentidas para o segundo. Os personagens co-protagonistas são o pai e o avô, que recebem a água como veículo para transformação, o primeiro, a lágrima, e o avô, as águas da outra margem.

Os simbolismos presentes nos contos analisados e na narrativa mia-coutina permite nos aproximarmos na homogeneidade entre tradição e modernidade. São as vozes que se expressam através da palavra, que retomam a antiga forma de contar estórias e ao mesmo tempo a escrita poética cheia de neologismos, metáforas e simbolismos. Mesclando real e ficcional, para a descoberta de um escritor contemporâneo que por vezes retoma costumes da tradição africana de escrever, um “faliventador”⁸

A estética presente nos contos viabiliza a percepção de diferentes sentidos que cada leitor pode oportunizar para melhor entendimento dos significados presente nas narrativas. A linguagem se funde com as simbologias criando um espaço único e repleto de diálogos do leitor com o texto e vice-versa.

A narrativa oral e poética de Mia Couto se encontra presente nos contos analisados e referenciados do autor presentes em dois livros distintos, Contos do nascer da terra e em Estórias Abensonhadas. São contos de renascimento e transformação pelas águas miacoutianas. Nas análises dos contos tornou-se evidente a presença da água como elemento transformador e os demais simbolismos essenciais da construção das narrativas mesclando real, mágico e fantástico.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT Alain. **Dicionário de Símbolos**; mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução Vera da Costa e Silva. 17 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002

⁸ Termo é usado para designar as construções gramaticais que Mia Couto faz e sobre as palavras que inventa. Faliventar é uma palavra formada de outras duas: “fala” e “inventar”.

COUTO, Mia. **Contos do nascer da Terra.** 1 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

COUTO, Mia. **Estórias Abensonhadas.** 1 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.